Trigésima primeira carta

> **Sumário.** Ainda a voz do céu. — As duas aparições de La Salette e de Lourdes. — As igrejas comemorativas. — As peregrinações. — Significação de todas as devoções atuais à Santíssima Virgem. — A oportunidade do Ângelus. — Voz do inferno. — Manifestação desse ódio. — As blasfêmias. — A aparição de La Salette. — A proclamação do dogma da Imaculada Conceição. — Nossa Senhora das Vitórias. — Imagens da Santíssima Virgem em Roma.

18 de outubro.

Meu caro Frederico

Cumpro a promessa: eis os dois maiores espantos do século XIX. A fim de ativar e estender o movimento misterioso que nos impele para ela, DUAS VEZES, EM MENOS DE TRINTA ANOS, A RAINHA DO CÉU, EM PESSOA, DESCEU À FRANÇA.

Relê a minha frase e dize-me: Sim, é assim; duas vezes a Mãe de misericórdia, Maria, veio lembrar à filha primogênita da Igreja que ela errava de caminho e que era tempo, se não queria perecer, de entrar em si mesma, converter-se e retomar a sua missão providencial.

Segundo a lei invariável da Providência, a augusta Virgem escolheu, para manifestar os seus desígnios, tudo o que há de mais fraco na terra: um pequeno pastor e duas pequenas pastoras de doze anos, desprovidos de toda instrução e profundamente ignorados. Os Alpes e os Pireneus reproduziram, no século XIX, o espetáculo de Belém.

À voz desses três pobres meninos, o mundo católico se comoveu, e mais do que nunca. Pelo órgão desses jovens intérpretes, Maria pediu santuários nos lugares que honrara com a sua augusta presença. Um dos cumes mais elevados dos Alpes, um dos rochedos mais abruptos dos Pireneus, onde jamais se vira habitação, estão hoje coroados de magníficas igrejas. Para ornamentá-las, o ouro do Velho e do Novo Mundo correu com abundância: e esse não é o maior dos milagres.

A La Salette, desde há vinte e cinco anos, a Lourdes, desde há doze, rios humanos se dirigem incessantemente. Outrora desconhecidos, esses lugares são agora imortais.

É por milhões que se devem contar os peregrinos de todo país, de toda classe e de toda idade que os visitaram e que os visitam, regando-os com as suas lágrimas e orações. Jamais talvez se vira tal afluência. Tudo isso se faz à voz de pequenas pastoras! E pedem-se milagres! Pois eis um, público,

retumbante como o sol. Vós o vedes com os vossos olhos, o tocais com as vossas mãos, entra-vos pelos ouvidos.

Como! Para pôr em movimento e fazer manobrar, durante alguns meses, um exército de cem mil homens, é preciso, com a vontade soberana de um monarca, centenas de generais, de coronéis, de capitães, de oficiais de todo grau: e eis duas meninas de doze a treze anos, sem talento e sem fortuna, que remexem o Velho e o Novo Mundo; que, há vinte e cinco anos, fazem marchar sem confusão milhões de homens desconhecidos uns dos outros; que sublevam as populações e as impelem aos altares de Maria, como os ventos desencadeados sublevam as vagas do Oceano e as impelem à praia. Achai, pois, aqui a relação lógica entre a causa e o efeito.

Consagração de todas as manifestações de nosso século em favor da Santíssima Virgem, que prova esse fato inesperado e duas vezes inexplicável à razão, por sua natureza e pela época em que se produz? Grave questão.

Sabes como eu, caro Frederico: a Providência nunca tateia. Nos conselhos de sua infalível sabedoria, tudo acontece em sua hora. Por que o fato em questão e os que lembrei têm lugar hoje, e não ontem ou amanhã? Evidentemente porque têm hoje a sua razão de ser, isto é, respondem a uma necessidade de hoje.

Se, de um lado, é verdade, como não se poderia duvidar, que todos os grandes acontecimentos da história foram pressentidos e preditos; se é verdade, de outro lado, que Deus deu às nações, como aos indivíduos, o instinto de sua conservação, que se deve concluir do movimento providencial que impele hoje o bom século XIX, isto é, a parte inteligente da humanidade, a refugiar-se sob as asas da Santíssima Virgem?

Sem receio de erro, deve-se concluir que caminhamos para acontecimentos tais que a onipotente Rainha do céu e da terra tem sozinha em suas mãos a sorte do futuro; e que, publicamente honrada, amada, invocada com ardor sem exemplo, Maria é a última esperança de salvação para o mundo atual.

Assim, melhor que todos os discursos, as circunstâncias em que nos achamos provam a importância social do Ângelus e a oportunidade de nossa correspondência.

A voz do inferno. Se, por intermédio de Maria, o sobrenatural se afirma hoje com ofuscante brilho, o naturalismo revolucionário se manifesta com raiva sem exemplo. Acabamos de ouvir a voz do céu, escutemos agora a do inferno.

O céu nos disse: O nó do problema social está nas mãos de Maria. O inferno o diz como o céu. Di-lo altamente; di-lo numa linguagem inteligível a todos, ainda que negando que o diga. A prova está neste axioma: Só se odeia o que se teme, e só se teme o que se crê. O nada nunca fez medo a ninguém. Pois bem, meu caro amigo, examinemos a conduta da Revolução, há quarenta anos, para com a Santíssima Virgem.

Como Holofernes, os seus filhos procuram por todos os meios cortar o divino aqueduto que abastece a Cidade do bem com as águas vitoriosas da graça. Por pouco que se queira refletir,

descobre-se que os seus perseverantes esforços tendem a extinguir a devoção à Santíssima Virgem: eis alguns fatos.

O homem bastante corajoso para folhear, de ponta a ponta, o vocabulário do inferno não encontrará nele uma blasfêmia que, nestes últimos tempos, os filhos da Revolução não tenham vomitado contra a augusta Mãe de Deus. Reproduzir a sua linguagem seria sujar a minha pena: abstenho-me.

Jovem demais para tê-los ouvido com os teus ouvidos, ao menos pudeste ler com os teus olhos os sarcasmos, os escárnios sacrílegos, as negações descaradas que opuseram à aparição da Santíssima Virgem aos pastores de La Salette. Quanto a mim, essa explosão de blasfêmias, longamente continuada, ainda ressoa em meu coração. Se me faz corar pela humanidade, mostrando-me até onde pode ir o ódio em delírio, essa explosão me prova mais uma vez que a Revolução conhece bem o único poder capaz de dominá-la.

Na proclamação do dogma da Imaculada Conceição, foi pior ainda. Em seu orgulho, a Revolução dizia: *«Venci, reino, governo. O século XIX é meu, pertence-me para sempre.»* De repente fica sabendo que o único político de nossa época, Pio IX, renova solenemente a aliança do mundo católico com a Rainha do céu, acrescentando o último florão à coroa da mulher escolhida para esmagar a cabeça da serpente.

> [Ilustração: Pio IX. Que, em 1854, fez, com a poderosa Rainha do céu, a aliança mais solene, pela proclamação do dogma da Imaculada Conceição.]

Aos cantos de triunfo, aos estremecimentos de esperança, às esplêndidas iluminações com que, na Europa inteira, os cristãos acolheram o dogma salutar, como respondeu a Revolução?

Desconcertada, atordoada sob o golpe que acabava de feri-la, solta já não gritos, mas uivos: a palavra não é forte demais. Espuma de raiva, tenta rir sarcasticamente; mas as suas risadas traem o seu desespero. Insulta o céu, ameaça a terra e, para vingar-se, volta toda a sua fúria contra Pio IX.

Santo Pontífice, melhor que ninguém sabeis agora a causa próxima de vossos sofrimentos. Sobre Satanás fizestes cair o último raio da fulminação, e Satanás não vos perdoou. Mas consolai-vos: a vitória final ficará com a vossa augusta aliada, a onipotente Virgem Maria.

Contudo, o ódio da Revolução não se extinguiu. A cada ocasião manifesta-se com recrudescência nova. Senhores de Paris, há dois anos, os seus sequazes profanaram bom número de igrejas, mas, entre todas, a mais profanada, a mais pilhada, a mais conspurcada foi Nossa Senhora das Vitórias.

Se o tempo não lhes tivesse faltado, pode-se crer, pelo furor sacrílego de que estavam animados, que a teriam aniquilado, a fim de cortar o poderoso aqueduto de onde caem cada dia sobre milhares de cristãos e cristãs, e por eles sobre o mundo inteiro, as águas de bênçãos que comunicam a pureza, a luz e a força.

O que fez em Paris, a Revolução o faz em Roma. Eis uma amostra de seu ódio contra a Santíssima Virgem, cujas numerosas imagens ornam as ruas da cidade santa.

> *Toda vez que se acende a lâmpada diante da imagem da Santíssima Virgem do Olmo, pedradas a apagam, quebram o vidro e fraturam todo o aparelho.*

> *Na praça Poli desapareceu por completo, depois de ter sido insultada três vezes, a imagem de Nossa Senhora das Dores.*

> *O mesmo aconteceu a uma Santíssima Virgem no número 39 da praça di Pietra.*

> *Outros insultos multiplicados à Madona da rua de Bolonha.*

> *Pedradas ainda visíveis na imagem da Santíssima Virgem, rua das Vinhas, na esquina que dá para o mosteiro de São Silvestre, residência atual da polícia.*

> *Pela segunda vez, ultrajada e retirada, a pequena estátua da Imaculada Conceição, perto da antiga tipografia da Câmara apostólica.*

> *O que talvez é mais grave que o resto: esta semana estragaram o quadro da Santíssima Virgem que está no muro lateral da Propaganda, do lado da rua dei Due Macelli.*

> *Acrescentemos que as indignidades cometidas contra a Santíssima Virgem da praça Pia tiveram lugar não durante a noite, mas em pleno dia, à uma hora da tarde.*

> *Desafiamos os jornalistas da impiedade, bem como os seus adeptos, a nos desmentir.*[1]

Está escrito de Nosso Senhor: Quem quer que ataque esta pedra será esmagado. O mesmo se pode dizer de sua augusta Mãe, cuja honra parece ser-lhe mais cara que a sua. Atacando sobretudo a Santíssima Virgem, a Revolução se suicida. Assim seja.

Amanhã voltaremos à França, onde veremos o ódio revolucionário manifestar-se, neste momento, por fatos não menos significativos.

Todo teu.

Notas

[1] *La Vergine*, 1.º de maio de 1872.

Revision #1
Created 28 November 2026 13:47:42 by Admin
Updated 28 November 2026 13:47:42 by Admin